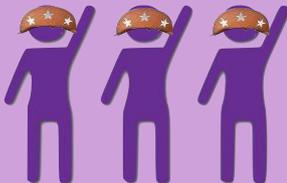




DOSSIÊ



Sufrimento, família e homossexualidade

Um estudo com estudantes universitários do Recôncavo da Bahia

Thiago Barcelos SOLIVA, *Universidade Federal do Recôncavo da Bahia*
Deise Queiroz da SILVA, *Universidade Federal do Recôncavo da Bahia*
Marcus Vinicius Silva Santiago SILVA, *Centro de Ciências da Saúde*
Marcos Vinicius Nery DAMASCENO, *Centro de Ciências da Saúde*

Resumo. Este estudo busca analisar a produção de narrativas sobre sofrimento, violências e silêncios relacionados à gestão da homossexualidade na trajetória de vida de jovens gays estudantes universitários da UFRB, universidade presente na região do Recôncavo da Bahia. O foco analítico recaiu sobre as relações familiares e a forma como esses jovens manejam seus projetos de vida em meio a dinâmicas de violência e tentativas de silenciamento de suas sexualidades. Os dados produzidos para a construção desse trabalho foram obtidos por meio de entrevistas em profundidade realizadas com jovens de 18 a 30 anos, que se autoidentificam como gays, e são estudantes da UFRB.

PALAVRAS-CHAVE: Homossexualidade. Sofrimento. Juventude. Família. Violência.



**Thiago Barcelos SOLIVA, Deise Queiroz da SILVA,
Marcus Vinicius Silva Santiago SILVA, Marcos Vinicius
Nery DAMASCENO.**

APRESENTAÇÃO

A violência perpetrada contra pessoas LGBTQIA+¹ tem estado presente na agenda dos movimentos sociais dedicados à pauta da diversidade sexual e de gênero faz alguns anos (RAMOS E CARRARA, 2006). Muito desse interesse tem sido direcionado aos aspectos espetaculares dessa violência, a exemplo dos assassinatos marcados pela crueldade extrema materializada em corpos brutalizados e as manifestações de violência física e verbal ocorridas em espaços públicos². Poucas iniciativas têm se dedicado a compreensão das dinâmicas menos espetaculares dessas violências, ou seja, aquelas formas de violência mais silenciosas, mas que têm impacto considerável na construção da subjetividade de jovens LGBTQIA+. Na tentativa de contribuir com esse debate, desenvolvemos uma investigação junto a jovens do sexo masculino estudantes universitários da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, que se autoidentificam como gays.

Em termos de experiência com estudos a respeito da violência contra LGBTQIA+ no Brasil, dispomos basicamente de três formas diferentes de pesquisas no tocante à produção dos dados. Uma dessas formas são as coletas de casos de violência elaborada pelo Grupo Gay da Bahia (GGB), nos quais os registros sobre vitimização de pessoas LGBTQIA+, sobretudo homens gays, são obtidos através de notícias publicadas na mídia escrita de todo o país (MOTT & CERQUEIRA, 2003). Essas informações geraram uma série de dossiês e relatórios que têm por mérito despertar a atenção das autoridades, bem como da sociedade civil para os altos índices de violência contra LGBTQIA+ em todos os estados brasileiros.

Concebido como uma primeira experiência de política pública no campo da segurança, o Disque Defesa Homossexual (DDH) figurou como uma possibilidade de obtenção de dados sobre violência homofóbica no Brasil (RAMOS & CARRARA, 2005). Criado em 1999, esse serviço articulava a Secretaria de Segurança do Rio de Janeiro (SESEG) com instituições da sociedade civil, bem como pesquisadores de universidades

¹ Optamos no texto por adotar a classificação LGBTQIA+ por entendê-la como mais inclusiva.

² Essas últimas ganham cada vez mais espaço na mídia muito em função do avanço da legislação pró-LGBTQIA+ à nível municipal, estadual e federal. Esse avanço está associado também a estratégias de ação do movimento LGBTQI que vem tornando manifestações públicas de afeto entre pessoas do mesmo sexo um ato público de alcance importante para denunciar as violências e discriminações cotidianas a que essa população está exposta. Um bom exemplo dessas novas estratégias são os beijaços. Ou seja, manifestações públicas de afeto através do beijo entre iguais em locais, sobretudo comerciais, responsáveis por algum episódio de violência contra LGBTQIA+.



e centros de pesquisa. O grande diferencial do DDH em relação às outras experiências de denúncia de violência contra pessoas LGBTQIA+ é a capacidade com que esse serviço concatenava a sua função de atendimento à pessoa vitimizada com a manutenção de um centro de produção de dados e monitoramento sobre esse tipo de violência. Os dados coletados permitiram a elaboração de trabalhos acadêmicos sobre alguns aspectos desse tipo de violência no estado do Rio de Janeiro. Hoje, esse serviço não tem mais existência.

Por fim, temos as pesquisas de vitimização realizadas no contexto das Paradas do Orgulho LGBTQIA+ em algumas capitais brasileiras³ – Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre e Recife - que vem assumindo nos últimos anos o caráter de uma manifestação de massa das mais significativas no âmbito da sociedade moderna. Essas paradas levam milhares de pessoas LGBTQIA+, e mesmo heterossexuais, às ruas como uma forma de resistência e repúdio às atitudes repressivas da heteronormatividade⁴, propondo alternativas para superação da mesma (CARRARA, 2003; 2005; 2006). Essas pesquisas trazem blocos específicos de questões acerca das agressões, bem como das formas de discriminação sofridas por participantes da parada. Cabe destacar, no entanto, que essas pesquisas limitam-se a uma determinada nuance da homossexualidade, representada por aquelas pessoas que frequentam as paradas, não refletindo fidedignamente a totalidade das violências as quais estão submetidos esse grupo. Títulos criminais como homicídios, por exemplo, não aparecem, por razões lógicas, nas estatísticas geradas com essas pesquisas.

A importância dessas iniciativas reside justamente na publicização de um problema recorrente na sociedade brasileira na qual a negação de direitos às pessoas LGBTQIA+ vem ao longo dos anos se constituindo em um espaço de grandes tensões, sobretudo na esfera pública. Apesar da importância dessas pesquisas, podemos afirmar que poucos são os estudos que tentam promover uma compreensão mais

³ Além das pesquisas realizadas pelos esforços do Centro Latino Americano em Sexualidade e Direitos Humanos (CLAM) com instituições como o Grupo Arco-íris (GAI), observamos iniciativas semelhantes em outras capitais brasileiras quanto a realização das pesquisas de vitimização, tal como em Belém do Pará. Nessa capital, a pesquisa de vitimização é realizada pelo Grupo de Estudos em Pesquisas Estatísticas e Computacionais (GEPEC) e o Laboratório de Sistemas de Informação e Georeferenciamento (LASIG), ambos ligados à UFPA.

⁴ Entendemos por Heteronormatividade um conjunto de mecanismos de controle que se inscrevem nos mais distintos níveis sociais, fazendo com que as percepções construídas em torno da heterossexualidade sejam legitimadas pelo conjunto da sociedade. Essas percepções estão atreladas a uma visão dicotomizada da experiência humana que tem a sua base no binarismo sexual.



**Thiago Barcelos SOLIVA, Deise Queiroz da SILVA,
Marcus Vinicius Silva Santiago SILVA, Marcos Vinicius
Nery DAMASCENO.**

densa das diferentes nuances de tipo de violência, sobretudo quando relacionada aos impactos subjetivos da exposição à homofobia na saúde mental de jovens LGBTQIA+.

Soliva e Silva Júnior (2014), ao analisarem as narrativas de violência de 20 jovens estudantes universitários autoidentificados como gays e residentes na cidade de Niterói (Rio de Janeiro), revelam mecanismos importantes através dos quais o sofrimento é operado na trajetória de vida deles. O sofrimento psíquico se expressa em silêncios e dificuldades de lembrar do período da infância e da adolescência, mas, sobretudo, na forma como esses jovens pensam suas existências e exercem sua sexualidade. Alguns dos jovens entrevistados pelos autores narraram sofrer de depressão, fazerem uso de remédios para ansiedade e ter dificuldade de se relacionar sexualmente em função do medo incutido em suas personalidades acerca da homossexualidade.

Em pesquisa sobre a relação entre estigmatização, sofrimento psíquico e homossexualidade, Rios *et al.* (2018) evidenciam uma relação entre ter sofrido violência e discriminação em função da orientação sexual e a experiência da depressão. Segundo dados dos autores, dos jovens de idade entre 18 e 38 anos entrevistados, 76,6% narraram significativamente mais depressão. Outro dado marcante da amostra desses autores diz respeito à performance (o que os autores chamam de estilo corporal) dos jovens entrevistados. Considerando esse marcador, Rios *et al.* (2018), identificaram uma relação entre ser efeminado e se sentir mais deprimido.

O trabalho de Perucchi, Brandão e Vieira (2014) também chama a atenção para a importância de se analisar a saúde mental de jovens LGBTQIA+. As autoras alertam para a insuficiência de pesquisas sobre homofobia intrafamiliar, o que gera, segundo elas, a potencialização dos danos provocados pela discriminação em outros espaços da vida social. Muitos desses danos, analisam as autoras, estão relacionados ao fato desses jovens não poderem contar com suas famílias como rede de apoio. Pelo contrário, é na família que se materializa alguns dos episódios de violência mais marcantes e cruéis os quais marcam profundamente as trajetórias de vida desses jovens.

Dialogando com estes trabalhos, este artigo busca analisar algumas dinâmicas referidas à gestão da homossexualidade em relações familiares na trajetória de vida de sete jovens estudantes universitários autoidentificados como gays no contexto do Recôncavo da Bahia. O foco



analítico recaiu sobre as relações familiares e a forma como esses jovens manejam seus projetos de vida em meio a dinâmicas de violência, discriminação e tentativas de silenciamento de suas sexualidades.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa exploratória que possui uma abordagem qualitativa. Os dados aqui analisados são baseados em sete entrevistas realizadas entre agosto de 2018 e junho de 2020. Essas entrevistas tiveram duração média de uma hora cada com algumas variações pontuais. Os jovens convidados a participarem da pesquisa foram recrutados entre o corpo discente do Centro de Ciências da Saúde (CCS), da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Este campus fica localizado na cidade de Santo Antônio de Jesus, cidade do Recôncavo da Bahia, que possui uma vocação comercial bastante expressiva. O CCS oferece os seguintes cursos de graduação na área da saúde: Bacharelado Interdisciplinar em Saúde, Enfermagem, Psicologia, Nutrição e Medicina. O centro foi implantado nesta cidade em 2009, como parte do processo de interiorização do ensino superior no Brasil. As instalações do Centro estão concentradas em um bairro considerado “perigoso” tanto por docentes quanto por discentes da universidade. Essa sensação é refletida na baixa oferta de comércio local no entorno do campus, incluindo os famosos “barezinhos” que compõe a vida universitária de qualquer instituição de ensino. Esse isolamento espacial acaba por afetar a sociabilidade dos discentes, que pouco fazem uso do campus para outros fins que não as aulas e circulam o mínimo possível pelo bairro.

A oferta de vagas na medicina data de 2013. Uma característica importante dos cursos oferecidos nesse centro é a obrigatoriedade de cursarem o Bacharelado Interdisciplinar em Saúde, o chamado “primeiro ciclo” de formação ou simplesmente “BIS”. Nesse “primeiro ciclo”, essas e esses alunas e alunos são submetidas/os a uma formação com forte influência humanística, na tentativa de imprimir nos futuros profissionais práticas de trabalho em saúde mais humanizadas e integrativas. Parte desses conteúdos partem de uma forte crítica ao modelo biomédico de formação em saúde e suas consequências deletérias no fazer profissional e na produção do cuidado.



**Thiago Barcelos SOLIVA, Deise Queiroz da SILVA,
Marcus Vinicius Silva Santiago SILVA, Marcos Vinicius
Nery DAMASCENO.**

Com relação ao perfil dos interlocutores, todos possuem idade entre 18 e 30 anos. A variação dos cursos foi, ainda, um critério importante na tarefa de escolha dos interlocutores, uma vez que a inserção em um dado curso pode expressar distintas formas de vivenciar esse tipo de violência. Quanto à cor/raça dos entrevistados, quatro se autodeclararam negros e os outros três se identificaram como brancos. Quanto à classe social desses jovens, eles apresentaram uma variedade de inserções relacionadas à classe que ia desde pertencerem a famílias conduzidas por pais servidores públicos até aquelas formadas por trabalhadores rurais. Com exceção de um deles, cuja família era da Região Metropolitana de Salvador, os demais pertenciam a famílias que moravam (nasceram e foram criados) em cidades do Recôncavo da Bahia. Quatro moravam em casas alugadas próximas ao Centro de Santo Antônio de Jesus (compartilhadas com colegas da universidade), um morava no alojamento da UFRB, um morava com o par amoroso e somente um deles ainda morava com a mãe também em Santo Antônio de Jesus.

Todos os entrevistados foram previamente informados dos objetivos da pesquisa, sendo a identificação dos mesmos realizada por meio de codificação simples, onde o nome verdadeiro do informante foi substituído por nomes fictícios de forma a assegurar o anonimato e a segurança dos interlocutores envolvidos. As análises foram realizadas em função do conjunto das narrativas, não oferecendo, com isso, a possibilidade de uma identificação qualquer com o interlocutor ouvido.

Com relação à estrutura das entrevistas, seguimos a orientação de um roteiro previamente elaborado, pautado em discussões realizadas em torno dos objetivos centrais da pesquisa. Cabe ressaltar, no entanto, que o roteiro utilizado na orientação das entrevistas não inviabilizou o diálogo entre os respondentes e o entrevistador, haja vista, serem os mesmos os responsáveis pela circulação de informações mais variadas, servindo o roteiro apenas como um eixo para o direcionamento dos assuntos a serem tratados.

É sabido dos limites de uma pesquisa que toma para si o tema da violência, por mobilizar sentimentos, lembranças e narrativas de manejo difícil. No entanto, a utilização das redes sociais construídas em torno desses jovens possibilitou a participação dos pesquisadores nos grupos de amigos dos mesmos dentro da universidade facilitando, dessa forma, o acesso aos informantes, que se deu através de indicações dos próprios entrevistados aos pesquisadores.



No curso do trabalho nos deparamos com diferentes questões quanto à produção das narrativas dos interlocutores e as formas como os mesmos lidaram com a ideia de ter suas intimidades “invadidas” por perguntas que reavivavam experiências passadas e, algumas vezes, detestáveis. A noção de “zona de silêncio” (DAS *apud* PEREIRA, 2010), constituiu importante recurso analítico para compreendermos as trajetórias de violências a que são expostos esses jovens. Das (2011), ao analisar as memórias e testemunhos de violência de mulheres no processo de Partição entre Índia e Paquistão, chama atenção para a persistência dos “muros de silêncio” no trabalho de reconstrução da sociabilidade dessas vidas após a Partição. Ao falar desses muros, a autora nos incita a pensar sobre as diferentes formas através das quais as vozes femininas emergiram em um contexto de violência, nos alertando sobre a sutileza dos “dizeres do silêncio” (Pereira, 2010), onde essa voz nem sempre surge do “dizer”, mas do “mostrar”.

Dialogando com as ideias de Das (2011) e Balthazar (2012), este trabalho propõe refletir não somente sobre o que esses jovens se dispuseram a narrar, mas, principalmente, o que desejaram “mostrar” no curso das entrevistas. É nesse sentido que seus corpos, silêncios, performances e toda uma “estética de gestos” (DAS, 2011) constituíram marcadores centrais na forma como foram conduzidas essas entrevistas.

Homofobia, família e gramáticas de sofrimento

No livro *Homofobia: história e crítica de um preconceito*, Daniel Borrillo (2010) analisa o funcionamento dos processos sociais e simbólicos que estão na base das situações de discriminação contra homossexuais ao longo de diferentes épocas, a maneira como este preconceito se mantém nos dias de hoje e, por fim, denuncia o sofrimento que a homofobia gera nas vidas dessas pessoas. Borrillo (2010) afirma que o repúdio às relações entre pessoas do mesmo sexo se torna mais evidente após a instauração das bases ideológicas judaico-cristãs por meio da Igreja Católica, período em que o pecado da sodomia era castigado e pago com a vida. O livro também destaca as fronteiras impostas à tolerância da homossexualidade nos diferentes meios sociais, evidenciando os limites desse processo no tocante a negociação da visibilidade das relações homoafetivas. Segundo o autor, exigências como aquelas que afirmam que



**Thiago Barcelos SOLIVA, Deise Queiroz da SILVA,
Marcus Vinicius Silva Santiago SILVA, Marcos Vinicius
Nery DAMASCENO.**

afetos e carinhos entre pessoas do mesmo sexo sejam reservados aos ambientes privados reforçam a exclusão e a invisibilidade.

Para Borrillo (2010), a homofobia tem o poder de demarcar a fronteira entre homossexualidade e heterossexualidade, preservando uma hierarquia sexual que confere privilégios aos últimos em detrimento dos primeiros. A homofobia também pode ser entendida como um marcador referido à vigilância das fronteiras de gênero, sendo reforçada a todo o momento no intuito de evitar que algo/alguém saia da ordem. Adriana Balthazar (2012), à luz das ideias de Plummer (1999), Herek (2004) e Murray (2009), acentua a importância de entender a homofobia como um problema do plano social, algo que é construído e reproduzido socialmente.

Ao falar das pessoas que experimentam esse preconceito, Daniel Borrillo (2010) analisa a especificidade do sofrimento dessas vítimas. Diferente de outros tipos de discriminação, as pessoas LGBTQIA+ passam por um processo de “dor solitária”. É comum que, na fase inicial dos ataques, a vítima não tenha suporte para lidar com essa situação. Em situações de violência, a família costuma ter um papel fundamental de acolhimento e apoio. Isso fica evidente em situações de racismo, por exemplo, no qual todo o grupo familiar compartilha a dor da discriminação. No entanto, no caso da homofobia, a percepção da solidão diante da violência torna-se evidente diante de um contexto onde a família é um dos principais perpetradores desse tipo de violência. Nesse sentido, a solidão e o silêncio são importantes sentimentos que conferem intelegibilidade às vidas de jovens LGBTQIA+.

No conjunto das narrativas analisadas, o silêncio constituiu uma estratégia central na forma como os pais dos jovens entrevistados lidaram com a ideia de que havia algo “errado” no comportamento deles. A gestão desse silêncio constituiu o gatilho para sensações de medo, depressão, isolamento e ansiedade entre esses jovens. Diego, 23 anos, não negro, pertencente a uma família de camadas médias de uma cidade do Recôncavo da Bahia⁵ e aluno do BIS (Psicologia) disse que a reação dos seus pais ante ao seu comportamento se expressava de duas maneiras: a mãe dizia que ele era um “menino sensível” e o pai mantinha o silêncio diante das conversas maliciosas dos demais parentes sobre ele. Segundo ele, a reputação de “menino sensível” o ajudou a manejar sua performance com mais segurança, sobretudo na escola. Ser um “menino sensível”

⁵ Decidimos não revelar as cidades de origem desses jovens para evitar a sua identificação.



implicava ainda ser um menino (heterossexual), fato que colaborou para que ele acreditasse que estava dentro das convenções do que era “ser homem”, ainda que de forma não ortodoxa. Diego disse que se apaixonou por várias meninas na escola, até que se viu diante do interesse afetivo por outros rapazes.

Esse interesse suscitou sentimentos ambíguos em Diego. Esses sentimentos o encorajaram a falar dos seus interesses afetivos com parentes mais próximos, como uma prima que era lésbica. Nesse contexto, Diego começa a se perceber como bissexual, o que, segundo ele, o ajudou a aceitar seus desejos sexuais por homens. No caso de Diego, se perceber como bissexual foi uma estratégia primária de revelar-se e entender-se diante da experiência de uma sexualidade não heterossexual.

Apesar de não ter se pensado como bissexual, Maurício narra também ter namorado algumas meninas na perspectiva de “tentar” se adaptar às expectativas de gênero. Maurício tem 25 anos, não negro, acaba de terminar o BIS e ingressou no segundo ciclo do curso de medicina, na UFRB. Segundo ele, a relação com sua mãe sempre foi muito fechada. Em relação a sua sexualidade, ele disse que sua mãe nunca deu espaço para que ele pudesse expressar algo. Seus pais são separados e sua mãe, servidora municipal, é a responsável pelo seu sustento. Maurício é o único jovem com quem tivemos contato que ainda mora com a mãe. A revelação de sua homossexualidade à mãe veio em um contexto de paixão por outro rapaz. Para evitar o monitoramento constante dela em relação aos seus horários e companhia, Maurício decide contar e é encorajado pela mãe a procurar o pastor de sua igreja, tendo rejeitado.

No relato de Yago, negro, 25 anos, oriundo da zona rural e cursando nutrição na UFRB, a descoberta e percepção da sua homossexualidade gerou discordância com o padrão hegemônico que desde pequeno lhe foi ensinado. Assim como os demais entrevistados, Yago cresceu em meio a um sistema de “heterossexualidade compulsória”, termo cunhado por Adrienne Rich e Monique Wittig, na década de 1980, para se referir ao processo de naturalização da heterossexualidade assumida como normal e universal (BUTLER, 2003), algo que divergia dos desejos que ele começou a despertar.

Só quando eu vim para o meu povoado, que foi por volta dos meus 11 ou 12 anos, que eu comecei a perceber [minha homossexualidade] e silenciar porque, até então, eu tinha uma visão de que... o que era dito como normal, que foi me ensinado que era normal, seria eu gostar de uma menina e, aos poucos com 11 ou 12 anos, percebi que eu não me enquadrava nesse padrão de normalidade que me foi ensinado, mas, com medo, eu suprimi.



**Thiago Barcelos SOLIVA, Deise Queiroz da SILVA,
Marcus Vinicius Silva Santiago SILVA, Marcos Vinicius
Nery DAMASCENO.**

A paixão por outro igual também foi um episódio marcante na trajetória de outro interlocutor, Matheus. Aluno do curso de medicina, negro, 24 anos e natural de uma cidade de grande porte da Bahia, Matheus narrou como a descoberta de sua primeira experiência afetiva com outro jovem desencadeou entre seus familiares várias estratégias de vigilância baseada na ideia de que ele não era mais uma “pessoa confiável”:

Foi muito sofrido todo o pós desse primeiro namoradinho porque eu tinha que ficar em casa, literalmente 24 horas por dia, tinha que rezar, tinha que me confessar, tinha que tentar a todo custo provar que eu era uma pessoa confiável.

Matheus chama a atenção para o fato de que a confiança que sua família lhe devotava estava diretamente associada ao exercício da heterossexualidade. Ele, assim como outros interlocutores, também teve várias relações amorosas com meninas da sua idade, sobretudo durante o Ensino Médio, o que alimentou em sua família a esperança de que a homossexualidade constituía algo momentâneo e passageiro, uma espécie de experiência de rebeldia associada à juventude. Nomeamos essa experiência de “bissexualidade passageira”.

A chamada “bissexualidade passageira” acabou por gerar expectativas entre os pais de outros jovens com quem conversamos. Tanto na narrativa de Diego quanto na de Maurício, os pais se mostraram resistentes diante do anúncio da homossexualidade por esses jovens. Aparentemente, na perspectiva desses pais, a homossexualidade seria algo contornável, só uma fase, já que eles (os filhos) já teriam tido experiências sexuais com meninas, um indicativo de que “nada está errado” com eles. Matheus, inclusive, afirmou que seus familiares o levaram para um endocrinologista para que fizesse uma série de exames na tentativa de investigar o suposto problema que lhe acometia.

Roberto, 23 anos, negro, de uma família moradora da Região Metropolitana de Salvador, aluno do curso de medicina (já tendo terminado o BIS), também ressalta em sua trajetória a forma como o silêncio regula a sua relação com os pais. Ele falou: “Minha mãe sabe, mas finge demência, e eu acho que meu pai também. Ainda bem!”. Aparentemente, na trajetória de Roberto, o silêncio dos pais acabou por beneficiá-lo. Segundo ele, a autoconsciência da homossexualidade foi uma coisa natural em sua vida, entre nove e dez anos, afirmou. Segundo ele, nunca passou por este processo de “lutas internas”, de negação, como narrado por alguns colegas seus que também são gays. Ainda que se



perceba como gay desde muito cedo, comunicar sua sexualidade para os pais nunca foi uma necessidade. Para ele, revelar a homossexualidade para os pais só seria cogitada diante de um relacionamento estável:

Eu só vou contar quando tiver num relacionamento estável, entendeu? Acho que até lá. [*o pesquisador questiona sobre este ponto*]. Porque eu acho que antes não tem necessidade, entendeu? Eu não vou trazer uma pessoa para minha vida, entendeu? Tanto é que eu não costumo apresentar as pessoas que eu fico para os meus amigos, entendeu?

A relação de Yago com sua família tem uma dinâmica muito semelhante àquela vivida por Roberto. Yago é o único interlocutor que se encontra em uma relação afetivo-sexual estável. Está nesse relacionamento há cinco anos, compartilhando casa com seu “namorado”, como o chama, e a família dele. Apesar de exercer uma vida afetivo-sexual de forma aberta, sua família evita maiores informações sobre sua relação. Ele disse que não leva seu “namorado” para a casa dos pais, nem mesmo em datas comemorativas como o Natal. Sua mãe, segundo ele, se esquivava de falar de sua relação. Os sentimentos que Yago mobiliza para falar de sua família combinam algo de melancolia e decepção.

Tem hora que eu me sinto bem mais parte da família dele [noivo] do que da minha. Em alguns momentos, porque, além de passar mais tempo aqui, porque eu moro aqui, eu divido minhas ansiedades, minhas dúvidas e minhas preocupações com eles e não mais com minha família. Tem alguns momentos que eu falo algumas coisas e minha família nem conhece mais. Acho que minha família nem me conhece mais totalmente. Até quando eu vou lá, eu não tenho o que conversar tanto e eu também não tenho mais essa abertura, eu não sinto mais essa confiança em si para poder contar algumas coisas que eu conto para a minha sogra e que eu não conto para a minha mãe.

Já para Diego a necessidade de falar se impôs na relação com os pais. Diante do silêncio dos pais e da dificuldade de encontrar o momento propício para revelar sua homossexualidade, Diego passou a fazer postagens nas redes sociais que levassem os parentes a ficarem cientes acerca de sua orientação sexual. Sua vontade era que de fato os parentes ficassem sabendo para que alertassem seus pais, de forma a provocar um momento com eles onde pudesse romper seu silêncio.

Se para o conjunto desses jovens, o silêncio foi central para administrar as suas relações familiares, o medo também constituiu um sentimento importante que marcou a subjetividade e as escolhas desses jovens. O medo de ser revelado, de que estava fazendo algo errado e a



**Thiago Barcelos SOLIVA, Deise Queiroz da SILVA,
Marcus Vinicius Silva Santiago SILVA, Marcos Vinicius
Nery DAMASCENO.**

autocestura foram sensações que, para Roberto, tiveram impacto negativo na sua subjetividade, materializando sofrimentos e culpas que vivenciou ao longo de sua adolescência.

Na trajetória de Roberto este medo se expressou, sobretudo na autocensura de suas experiências de masturbação na adolescência, momentos em que revela ter sentido muita culpa após gozar usando fotos de meninos para se excitar. O “sentimento de culpa” parece estar associado a este momento inicial de incertezas pelas quais passam esses jovens. No estudo de Leandro de Oliveira (2013) sobre a relação entre homens gays e famílias de origem, o sentido da culpa estaria diretamente relacionado à quebra das expectativas dos pais acerca das “escolhas” dos filhos. Ao perguntar a Roberto sobre os motivos dessa culpa, ele revelou uma dificuldade de refletir sobre esses motivos. Depois de algum tempo de conversa, Roberto chegou à conclusão de que essa culpa poderia estar associada à sua formação religiosa (católico), comum a toda sua família.

Para Diego, o medo de ser percebido mobilizava esforços de se esconder e de negar alguns prazeres, como dançar na escola. Na tentativa de não aparecer, Diego tentava masculinizar sua performance buscando estratégias de rejeição de práticas tidas como femininas em seu cotidiano. Na sua escola, a dança era uma atividade lúdico-pedagógica, algo que Diego via como uma forma de expressar sua dor, mas que logo foi desestimulada pelos pais. Este investimento de masculinização implicava custos psíquicos que, no caso de Diego, se expressavam na tristeza cotidiana, na sensação de depressão e no isolamento.

O medo também condicionou as escolhas de Maurício frente a sua família, sobretudo sua mãe, como podemos perceber na fala abaixo:

Eu me sentia muito infeliz por que eu estava fazendo uma coisa... eu tava, eu não tava seguindo o que eu queria ser, eu não estava fazendo as coisas que eu queria porque eu tinha medo da sociedade, eu tinha medo da minha mãe, eu tinha medo da minha família. Eu vivia praticamente bastante com medo um bom tempo.

Os medos de Maurício se relacionam ao processo que Pecheny (2004) chamou de “discriminação antecipada”, ou seja, situações sociais nas quais esses jovens anteveem atos de discriminação e condicionam suas ações a partir dessa previsão. No caso de Maurício, ele tinha receio de ser expulso de casa em função da sua mãe ser evangélica. Esse medo foi central na forma como ele se relacionava com a sua sexualidade e administrava sua vida.



A combinação entre medo e silêncio foi expressiva na trajetória de vida de Yago. Vindo de um distrito muito pequeno da zona rural, esse jovem narra sua relação com o silêncio e o medo de ser descoberto como tensões que marcaram sua vida no povoado onde foi criado.

Como eu morava em um povoado pequeno, minha sexualidade, além de ser bem clandestina, foi mascarada e suprimida por mim mesmo que era tanta questão de autodefesa que até eu imaginava porque... imagine um contexto de um povoado com uns 800 habitantes e você falar que é homossexual... gente! Além de ser, tipo, para aquele contexto, além de ser uma coisa feia, horrível, você vira o palhacinho, você vira o motivo de resenha do grupo dos amigos e eu estava em um período da minha adolescência que eu precisava ser aceito porque, tipo, eu já tinha um ciclo de amizade pequeno, se eu ainda abrisse minha sexualidade para esses daí, eu com certeza teria perdido, ou seja, eu iria passar por outros processos mais dolorosos.

A tensão envolvendo a escolha da carreira universitária foi outro dado que também apareceu na narrativa de alguns desses jovens. Diego disse que ao terminar o Ensino Médio, sua vontade era ingressar logo no Ensino Superior, um sonho que nutria desde a escola. Sua mãe logo o alertou que deveria fazer concurso público para a Polícia Militar, posto que ela já era policial e muitos outros membros da família também eram. Não foi concedida a Diego outra possibilidade de carreira. Sua mãe foi taxativa ao afirmar que somente o ajudaria materialmente se sua escolha fosse o concurso da polícia. Ele passou no concurso, e com a autonomia financeira em relação à família pôde ingressar na UFRB no curso que planejava.

A história de Maurício também nos ajuda a refletir sobre a forma como a homossexualidade tencionou suas escolhas acadêmico-profissionais. Seu ingresso na UFRB se deu pelo CETEC em Cruz das Almas, *campus* da UFRB que oferece cursos na área das ciências exatas. Segundo Maurício, sua escolha pelo Bacharelado em Ciências Exatas e Tecnológicas se deu pelo fato dele acreditar que este constituía um “curso de homem”. Nos seus planos íntimos, tinha pensado fazer o curso de cinema, no CAHL, UFRB, mas certamente seria desestimulado por sua mãe. Sua passagem rápida pelo CETEC foi marcada por episódios marcantes de violência verbal, o que, dentre outros motivos, o fez desistir do curso. Sua vinda para a área da saúde foi através do curso de nutrição, visto com maus olhos pela mãe. Tendo passado para o BIS e com possibilidades de ingresso na medicina, sua mãe, na expectativa de ter um filho médico, ofereceu todo o suporte necessário para que Maurício estudasse, incluindo suporte emocional – acolhendo as tristezas de



**Thiago Barcelos SOLIVA, Deise Queiroz da SILVA,
Marcus Vinicius Silva Santiago SILVA, Marcos Vinicius
Nery DAMASCENO.**

Maurício em episódios em que tirava notas baixas, por exemplo. Segundo ele, foi o único momento de sua vida até então que pôde sentir sua mãe mais próxima.

As falas de Maurício acerca de sua vinda para a área da saúde nos permitem inferir sobre algumas questões. Uma delas diz respeito ao peso simbólico do curso de medicina e a forma como sua mãe suavizou os controles em relação a sua vida. A possibilidade de ser médico neutralizou de certa forma o estigma associado à homossexualidade, fazendo com que sua mãe investisse suas expectativas nesta possibilidade e momentaneamente se esquecesse da sua sexualidade. Isto permitiu que Maurício tivesse momentos de prazer e conforto experimentados graças à descoberta de amigos com interesses semelhantes no Centro de Ciências da Saúde (CCS).

Se para Maurício a vinda para área da saúde foi central no processo de se afirmar como gay (de certa forma com a colaboração de sua mãe), para Carlos o ingresso no CCS constituiu um retorno para o “armário”. Carlos, negro, 23 anos, pertencente a uma família de camadas médias de um município do Recôncavo da Bahia, aluno do BIS (Nutrição), ingressou no Ensino Superior através do Centro de Artes Humanidades e Letras (CAHL), UFRB, no curso de artes visuais. No CAHL, ele teve contado com um grupo de sociabilidade gay onde pôde vivenciar experiências transgressoras relacionadas a gênero e sexualidades. Vindo para a área da saúde, Carlos revela ter sentido uma diferença muito grande entre os seus amigos anteriores e os colegas que começava a reunir.

As minhas relações foram muito difíceis aqui no CCS, porque todas as pessoas que eu me relacionei eram pessoas que não tinha a sexualidade assumida. E pra mim... que eu tenho a sexualidade desde muito cedo, isso sempre foi um trauma muito grande porque eu sempre tinha que voltar pra aquele lugar de anonimato porque eu estou me relacionando com uma pessoa que não é assumida.

A narrativa de Carlos expressa um desalento em relação a sociabilidade vivenciada no CCS. Ao falar de sua vida, ele disse que o isolamento sempre constitui uma estratégia através da qual ele “habitou o mundo” (DAS, 2011). A experiência no CAHL permitiu que ele ampliasse suas possibilidades de existir: a sensação de isolamento foi momentaneamente suspensa, mas ela retorna na sua experiência com o CCS. Um espaço onde supostamente esses jovens estão mais “dentro do armário”. Esta mesma ideia do CCS como espaço de “gays encubados” é



expressa por Roberto para falar de suas experiências de sociabilidade e afetivo-sexuais nesse espaço.

Se para Carlos, o CCS representou uma ruptura dramática no seu processo de construção como jovem gay, para Diego, Roberto e Maurício ele se constituiu como um espaço de exercício de liberdades antes não possíveis ou até mesmo imaginadas. Eles chegaram a afirmar que foi no CCS que começaram a se reconhecer como gay. Essas narrativas combinam com pesquisas realizadas com jovens estudantes universitários identificados como LGBTQIA+ (SOLIVA E SILVA JUNIOR, 2014), as quais afirmam ser na universidade – através do acesso a amigos com experiências iguais, grupos de convivência, material bibliográfico, professores etc. – que estes jovens iniciam de forma mais saudável o exercício da homossexualidade.

Um dado que achamos importante considerar nesse estudo diz respeito às marcas que esse sofrimento proporcionou na subjetividade desses jovens. As relações com os familiares, sobretudo o pai e a mãe são centrais para a compreensão destas marcas e a forma como esses jovens “habitam o mundo” (DAS, 2011), fazem suas escolhas e manejam seus projetos de vida.

Diego ao falar dos sentimentos que mobiliza quando pensa sobre seus pais combina tristeza e frustração. Ele chama a atenção que a falta de um ambiente acolhedor tanto em casa quanto na escola o levou a uma sensação de tristeza e vazio existencial.

A vontade de desaparecer, sumir, se suicidar em função das tensões experimentadas em casa apareceu na narrativa de um dos jovens entrevistados. Esse sentimento esteve profundamente relacionado à relação desse jovem com sua mãe, como fica evidente na fala que se segue: “Este dia mesmo, quando minha mãe falou que preferia um filho morto ou morrer, eu, sinceramente, cogitei todas as possibilidades. Mas... não vou fazer isso não, não vou dar este gosto”. A tensão com a mãe desencadeou uma relação tão insuportável que fez Maurício refletir sobre a possibilidade de realizar o que sua mãe lhe sugeria na briga. Esta possibilidade só foi revista à luz da ideia de que sua morte poderia facilitar a vida de sua mãe, coisa que ele não queria fazer. Ao falar de sua relação com sua mãe, Maurício evidencia uma gramática do “mostrar” plena de sentimentos que combinam tristeza, dificuldade de narrar, dor e “afetos desconfortáveis” (OLIVEIRA, 2013).



**Thiago Barcelos SOLIVA, Deise Queiroz da SILVA,
 Marcus Vinicius Silva Santiago SILVA, Marcos Vinicius
 Nery DAMASCENO.**

O silêncio acabou por gerar também muros intransponíveis na subjetividade de Yago. Quando perguntado se já tinha procurado ou se tinha vontade de buscar assistência psicológica em algum momento da vida, ele revelou ter medo do sofrimento que as lembranças trazidas à tona pela escuta qualificada poderiam gerar em sua vida nesse momento.

Em alguns momentos eu me vejo na necessidade, mas eu acho ainda que não estou preparado por eu ter silenciado tanto, silencieei tanto por vários anos, que eu não consigo ainda. Eu não estou pronto para abrir tantos anos, tantas coisas, tantos processos porque, como está quieto, está guardado, está calado, para mim está de boa. Eu tenho de que já passei por isso. Vou deixar lá. Porque se eu abrir essa caixinha eu vou começar a lembrar, acho que vou reviver e isso vai ser mais doloroso. Já pensei algumas vezes em ir [para terapia], mas eu fico ainda em conflito de que, se eu abrir essa caixa de pandora, e aí? Vou reviver? Vou passar por esses processos de sofrimento de novo ou não? Mas ando pensando muito, principalmente nesses tempos atuais.

Uma característica em comum no relato desses jovens diz respeito à ausência de apoio familiar no momento de descoberta de uma sexualidade não hegemônica e, por sua vez, a falta de assistência para lidar com questões relacionadas aos desejos e violências referidas a situações de violência como a homofobia.

Yago ilustra de forma bem acabada essa dinâmica no trecho que segue:

Eu não tinha a quem perguntar, tinha medo de perguntar para os meus pais [sobre sexualidade]. Meu irmão tinha começado a namorar com uma menina então eu fiquei mais assustado ainda porque pensei assim: o próximo será eu, o próximo a ser cobrado será eu e agora o que vou fazer?

Danielo Borrilho (2010) reflete que um jovem negro, quando vítima de racismo, consegue compartilhar sua dor com seus pais que, também negros, serão compreensivos com a dor do jovem, farão acolhimento adequado e buscarão formas de enfretamento. Diferente disso, um jovem homossexual, quando vítima de homofobia, não consegue contar com ajuda parental e acaba por silenciar qualquer tipo de violência que venha a sofrer. Borrilho (2010) ainda diz que “o homossexual sofre sozinho o ostracismo associado à sua sexualidade, sem qualquer apoio das pessoas em sua volta e, muitas vezes, em um ambiente familiar também hostil”.



Considerações finais

Este trabalho apresentou dados de uma pesquisa cujo foco é a relação entre homossexualidade, família e sofrimento psíquico. Os dados analisados foram baseados nas trajetórias de vida de sete jovens estudantes universitários do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, em Santo Antônio de Jesus, Bahia.

As narrativas evidenciaram a centralidade das relações familiares na forma como esses jovens manejaram suas escolhas e projetos de vida. As relações com os pais e mães também foram estruturantes na maneira como eles administraram a sua sexualidade. Situações de sofrimento psíquico e de “afetos desconfortáveis” (OLIVEIRA, 2013) constituíram o pano de fundo através do qual esses jovens “habitam o mundo” (DAS, 2011).

À luz das contribuições de Das (2011) acerca da relação entre violência e subjetividade, as trajetórias desses jovens nos permitem perceber o quanto o “trabalho do tempo” exerce um papel ativo na forma como eles elaboram um “discurso de reparação” sobre suas relações familiares. Este “discurso de reparação” está profundamente relacionado ao esforço cotidiano desses jovens em reescrever suas relações familiares, produzindo novas formas de convivências com esses pais e mães após a descoberta da homossexualidade.

Este “trabalho do tempo” foi fundamental para Carlos e sua mãe. Após a revelação da homossexualidade para sua mãe, Carlos nos disse que ela mergulhou em um silêncio profundo, algo que só recentemente tem sido rompido com a persistência de Carlos em colocá-la em sua vida e em seu mundo. A possibilidade de reconstruir essas relações reposiciona esses jovens nas relações familiares. Eles passam, a partir do sofrimento, a reelaborar seus projetos de vida e manejar diferentes formas de “habitar o mundo” (DAS, 2011).

Referências

BALTHAZAR, Adriana S. *O lugar do silêncio na violência homofóbica: o dizível e o indizível nas narrativas do sofrimento*. Tese de Doutorado. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva



**Thiago Barcelos SOLIVA, Deise Queiroz da SILVA,
Marcus Vinicius Silva Santiago SILVA, Marcos Vinicius
Nery DAMASCENO.**

do Instituto de Medicina Social. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2012.

BORRILLO, Daniel. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARRARA, Sérgio; RAMOS, Sílvia; CAETANO, Marcio. *Política, Direitos, Violência e Homossexualidade: Pesquisa 8º Parada do Orgulho GLBT – Rio de Janeiro, 2003*. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

_____; RAMOS, Sílvia. *Política, Direitos, Violência e Homossexualidade: Pesquisa 9º Parada do Orgulho GLBT – Rio de Janeiro, 2004*. Rio de Janeiro: CEPESC, 2005.

_____*et cols.* *Política, Direitos, Violência e Homossexualidade: Pesquisa 9º Parada do Orgulho GLBT – São Paulo, 2005*. Rio de Janeiro: CEPESC, 2006.

DAS, Veena. O ato de testemunhar: violência, gênero e subjetividade. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 37, Jul.-Dez., pp. 9-41, 2011.

MOTT, Luiz; CERQUEIRA, Marcelo. *Matei por que odeio gay*. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2003.

OLIVEIRA, Leandro de. *Os sentidos da aceitação: família e orientação sexual no Brasil contemporâneo*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, UFRJ, Rio de Janeiro, 2013.

PECHENY, Mário. “Identidades discretas”. In: RIOS, Luiz Felipe *et al.* (Orgs.). *Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde*. Rio de Janeiro: ABIA, 2004.

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Violência, gênero e cotidiano: o trabalho de Veena Das. *Cadernos Pagu*. Campinas, n. 35, Jul.-Dez., pp. 357-369, 2010.



PERUCCHI, Juliana; BRANDÃO, Brune Coelho; VIEIRA, Hortência Isabela dos Santos. Aspectos psicossociais da homofobia intrafamiliar e saúde de jovens lésbicas e gays. *Estudos de Psicologia*. Natal, v. 19, n. 1, p.67-76, 2014.

RAMOS, Silvia; CARRARA, Sérgio. A constituição da problemática da violência contra homossexuais: a articulação entre ativismo e academia na elaboração de políticas públicas. *Physis*, Rio de Janeiro, v.16, 2006.

RIOS, Luís Felipe *et al.* “Foi como se eu tivesse visto a morte”: estigmatização, sofrimento psíquico e homossexualidade. *Laplage em Revista*, Sorocaba, v. 04, n. 01, Jan.-Abr., pp. 140-158, 2018.

SOLIVA, Thiago Barcelos; SILVA JUNIOR, João Batista. Entre revelar e esconder: pais e filhos em face da descoberta da homossexualidade. *Sexualidad, Salud y Sociedad: revista latinoamericana*, Rio de Janeiro, n. 17, pp. 124-148, 2014.

Sufrimiento, familia y homosexualidad: Un estudio con estudiantes universitarios de Recôncavo da Bahia

RESUMEN: Este estudio busca analizar la producción de narrativas sobre el sufrimiento, la violencia y los silencios relacionados con el manejo de la homosexualidad en la trayectoria de vida de jóvenes universitarios homosexuales de la UFRB, universidad presente en la región del Recôncavo da Bahia. El foco analítico estuvo en las relaciones familiares y la forma en que estos jóvenes manejan sus proyectos de vida en medio de dinámicas de violencia e intentos de silenciar sus sexualidades. Los datos producidos para la construcción de este trabajo se obtuvieron a través de entrevistas en profundidad a jóvenes de 18 a 30 años, que se identifican como homosexuales y son estudiantes de la UFRB.

PALABRAS CLAVE: Homosexualidad. Sufrimiento. Juventud. Familia. Violencia.

Thiago Barcelos SOLIVA

*Professor Adjunto (Classe C, Nível 1) do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-3355-6569>
Email: thiago104@yahoo.com.br*

Deise Queiroz da SILVA

*Centro de Ciências da Saúde
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Email: deisequeiroz@ufrb.edu.br*

Marcus Vinicius Silva Santiago SILVA

*Bacharel em Saúde
Centro de Ciências da Saúde
Email: marcussantiago094@gmail.com*

Marcos Vinicius Nery DAMASCENO

*Bacharelado em psicologia
Centro de Ciências da Saúde
Email: vinicius.nery@outlook.com*

Recebido em: 29/09/2020

Aprovado em: 06/12/2020